



Usos da internet na constituição de sociabilidades juvenis femininas¹

Márcia Bernardes²
Denise Cogo³

Resumo

Esse artigo apresenta uma abordagem sobre a constituição de sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento a partir do uso da internet em um ambiente de controle e limitação de acesso. Nesse contexto, marcado por questões de gênero e classe e por táticas para contornar o controle institucional, tem-se um tensionamento entre exclusão-inclusão nos âmbitos social e tecnológico, o que possibilita pensar os usos sociais da internet realizados pelas jovens do abrigo como modos de construção da cidadania e de configuração de suas identidades culturais. O estudo busca aportes no âmbito dos estudos culturais, especialmente em autores como Martin-Barbero e De Certeau, e está pautado por uma pesquisa empírica de perspectiva etnográfica, que abrangeu a convivência com as jovens no abrigo, a interação direta na sala de informática e a utilização de técnicas de observação, entrevistas abertas e conversas informais. Os resultados apontam para o principal uso da internet como forma de entretenimento e como meio pelo qual constituem e reafirmam uma cidadania cultural.

Palavras-chave

Usos sociais; internet; sociabilidades; identidades culturais; juventude.

Introdução

O presente artigo busca discutir os usos sociais da internet realizados por jovens mulheres acolhidas em um abrigo e a constituição de suas sociabilidades em um contexto de uso controlado e monitorado da internet. A partir de um estudo de caráter etnográfico, analisamos como esses usos são atravessados por questões de gênero e classe e por táticas para contornar o controle institucional, propondo reflexões sobre em torno dos usos sociais da internet como modos de construção da cidadania e de configuração das sociabilidades identidades culturais juvenis. Nos resultados, destacamos o entretenimento como um dos principais usos tecidos pelas jovens no marco das tensões inclusão-exclusão da internet e a

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Jornalista. Mestre e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos – RS. Autora da dissertação de mestrado “Jovens e Internet: usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento”, da qual resultou esse artigo. E-mail: ma-bernardes@hotmail.com.

³ Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos – RS. Coordenadora do grupo de pesquisa Mídia, Cultura e Cidadania. Pesquisadora do CNPq. Orientadora da dissertação de mestrado da qual resultou esse artigo. E-mail: denisecogo@uol.com.br

reafirmação da dimensão cultural da cidadania.

Considerações sobre o ambiente de acolhimento e o uso da internet

A pesquisa da qual resulta esse artigo foi desenvolvida em uma instituição de acolhimento designada como Centro Cristão Feminino e Abrigo Querubim - CECRIFE/Querubim, localizada no município de Novo Hamburgo (RS), situado na região metropolitana de Porto Alegre (RS). O abrigo atende crianças e adolescentes de oito a 18 anos do sexo feminino⁴, encaminhadas pelo Poder Judiciário por questões como, por exemplo, abuso sexual, violência, maus tratos, exploração de trabalho infantil, falta de condições para um desenvolvimento sadio e ausência de família⁵. No abrigo, as jovens têm o acesso à internet monitorado e controlado, ou seja, não têm livre acesso à sala de informática, e o uso do computador é permitido apenas com a presença de um educador ou de uma pessoa responsável. Além disso, quando ocorre o uso da internet, o acesso a ferramentas como Orkut, MSN e Facebook não é permitido.

Na aproximação com esse contexto para o estudo das sociabilidades juvenis adotamos como princípio o entendimento de que as tecnologias da comunicação, em especial a internet⁶, são elementos de reconfiguração da vida social. Por um lado, trouxeram oportunidades para enfrentar os desafios sociais, encurtar distâncias, alterar as relações de tempo e espaço e possibilitar a inclusão, a liberdade de expressão e a participação social; por outro lado, as apropriações das tecnologias por diferentes setores sociais não estão desprovidas de relações

⁴ O CECRIFE/Querubim atende exclusivamente pessoas do sexo feminino. Sendo assim, o grupo de jovens que compõe o universo empírico é formado unicamente por meninas/mulheres. Por esse motivo, no desenvolvimento da dissertação, foi realizada uma abordagem conceitual sobre gênero, da qual destacamos aqui o entendimento de Piscitelli (2009), que afirma que o conceito mantém o caráter político inicial que aludia às diferenças e desigualdades que afetam as mulheres, mas que, atualmente, adquire novos sentidos. Para a autora “o conceito de gênero requer pensar não apenas nas distinções entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, mas em como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas nas articulações com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade; e como essas noções se embaralham e se misturam no corpo de todas as pessoas [...]” (PISCITELLI, 2009, p. 146).

⁵ O abrigo é uma medida de proteção especial para crianças e adolescentes e que está prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e que são responsáveis “por zelar pela integridade física e emocional de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos desatendidos ou violados (SILVA e AQUINO, 2005, p. 186).

⁶ Internet, nesse estudo, parte do entendimento trazido por Cogo e Brignol (2011) como “um ambiente comunicacional múltiplo e complexo no qual diferem características como [...] a facilidade de acesso à esfera da produção, a convergência midiática, a interatividade e a hipertextualidade”, fatores que as autoras destacam coexistir com “a centralidade de acessos e usos unidirecionais ou pouco participativos” (COGO e BRIGNOL, 2011, p. 86 e 87).



de poder, assimetrias e desigualdades que envolvem tensões e disputas em torno de seus usos. Esses fatores são ainda potencializados pela possibilidade (ou necessidade) de conexão, ou seja, pelos posicionamentos e interações dos sujeitos em redes. Para Castells (2009), a existência social no mundo pós-moderno depende de nossa conexão em uma determinada rede⁷ que, ao se relacionar com outra rede, constitui uma teia, ou seja, resulta em outras redes de relações. As redes são, conforme o autor, estruturas comunicativas na vida social, nem sempre mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação, que processam fluxos, valores e interesses.

Nesse contexto de controle e restrição do acesso à internet, entendemos que as limitações econômicas e também as condições sociais, culturais e educativas das adolescentes que são afastadas do convívio familiar por diversos motivos e que vivem em um ambiente que deveria ser seu lar contribuem para o engendramento de usos diferenciados e para a constituição de táticas de apropriação e usos da internet.

[...] entendemos que os usos sociais da Internet são definidos por um conjunto de entornos que interage na construção dos significados atribuídos aos meios de comunicação e no modo como sujeito e tecnologia se relacionam. A diversidade de modos de usar a Internet, mesmo que limitada por imposições de ordem tecnológica e pelas questões de desigualdade econômica e social, é marcada também pela capacidade de produção de sentido de cada indivíduo, garantida através de suas identificações, competências e também de sua relação com as identidades, história, valores, hábitos e tradições (BRIGNOL, 2010, p. 54).

Compreendemos, ainda, que as instituições de acolhimento são locais que apresentam certa ambiguidade por estarem fortemente marcadas por relações de poder que podem ser evidenciadas em seus processos de constante controle e vigilância. De um lado, a instituição acolhe meninas adolescentes que são encaminhadas pelo Poder Judiciário e que precisam manter-se afastadas da família ou parentes. Por outro lado, acolhe com incumbência de desenvolver socialmente essas adolescentes, possibilitar sua (re)inserção social e reduzir ou minimizar os efeitos causados pela violência ou pela situação de vulnerabilidade social. As experiências vivenciadas na instituição pelas abrigadas são perpassadas por poderes que emanam de diretrizes das instâncias: judiciária, que determina o abrigamento, o desabrigamento e a possibilidade de visitar a família ou sair do abrigo nos fins de semana;

⁷ Aqui, o sentido de rede não se resume a uma rede tecnológica, como as redes sociais da Internet, mas a um conjunto de atores conectados. Nesse sentido, a rede pode ter natureza biológica, social, econômica, política e/ou também tecnológica.



escolar, com seus tempos e rotinas específicas; do trabalho e da instituição, a partir de suas regras para acessar a internet e condicionar as interações com as colegas de acolhimento.,

Dessa forma, a presença da internet ao mesmo tempo em que se constitui em um processo expansivo e inclusivo, conectado profundamente com os elementos e as possibilidades tecnológicas que compõem o mundo atual, promove tensões relacionadas às desigualdades de acesso, de apropriação e mesmo a processos de exclusão. É importante ressaltar a idéia de Martín-Barbero (2008) de que a tecnologia não cria a desigualdade, ela apenas reforça ou reconfigura a exclusão gerada nas relações sociais de uma sociedade estruturalmente excludente. Ou seja, as possibilidades de conexão e de inclusão ou exclusão geradas pela tecnologia são um meio de agravamento da desigualdade social para o autor. Entendemos, assim, que os usos que o ser humano faz da tecnologia é que criam (ou reforçam) as desigualdades existentes.

[...] a tecnologia é, hoje, uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido – redes e interfaces – de construção da subjetividade. [...] Enquanto o sujeito emerge, hoje, de um ambiente fortemente imaginal e emocional, a casa, em parte, e sobretudo a escola ainda se prendem a uma racionalidade que, em nome do *princípio de realidade*, expulsa o sujeito, não tanto pelo princípio do *prazer*, mas por sua *sensibilidade*. É esse o mundo em que vive o sujeito jovem [...]. É desse lugar que nos olham e ouvem tais sujeitos [...] *mediados por suas interações pela e com a tecnologia* (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21 e 22, grifos do autor).

Múltiplas possibilidades: usos sociais, táticas de uso e experiências de sociabilidade

Enxergar os sujeitos como interlocutores e participantes ativos do processo comunicativo possibilita compreender o desenvolvimento de seus papéis sociais e as dinâmicas de produção de sentidos desses sujeitos. Nessa perspectiva, é relevante postulado de Martín-Barbero sobre o deslocamento dos meios para as mediações como possibilidade de desvendar a tecnicidade a partir das experiências da vida cotidiana e das práticas sociocomunicacionais dos sujeitos. O autor propõe o estudo do uso social dos meios para entender a relação entre os receptores e os meios a partir das articulações entre práticas de comunicação e contextos sociais e culturais.

De Certeau, com o qual dialoga Martín-Barbero, propõe o entendimento dos “usos” a partir da perspectiva de um “fazer com”, em que os usos passam a ser vistos no contexto onde



se desenrolam, na sua dimensão de ruptura dos modos disciplinares e nas suas possibilidades de produção de ressignificações. “Os conhecimentos e as [práticas] simbólicas impostas são o objeto de manipulações pelos praticantes que não são seus fabricantes” (DE CERTEAU, 1994, p. 95). Essa apropriação permite analisar o uso por ele mesmo, uma vez que ele é movimento. O autor destaca que alguns elementos, como “realizar, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional, situar-se no tempo [...] fazem do uso um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do “contexto”, do qual abstratamente se distingue” (DE CERTEAU, 1994, p. 96, grifo do autor).

De Certeau afirma que toda a atividade de leitura e consumo é uma atividade de produção de sentidos. Sentidos que advêm da constituição de estratégias e táticas que, para o autor, evidenciam diferenças e resistências sociais assim como deslocam e relativizam fronteiras de dominação. As estratégias apontam para algo próprio, um lugar do querer e do poder, onde há “um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio” (DE CERTEAU, 1994, p. 100). Ou seja, a estratégia é algo reconhecido como uma autoridade, que possui uma identidade e um modo de operar cristalizados, e não apresenta muita flexibilidade em função de estar atrelada ao seu próprio, conforme o autor. Em função disso, ela se perpetua por meio de sua (re)produção, de sua conformidade com a ordem e o poder.

A tática, para De Certeau (1994), é determinada pela ausência de poder, pela ausência de um próprio, o que lhe permite mobilidade, movimento para captar as oportunidades oferecidas. Segundo De Certeau, a tática é a arte do fraco, é a astúcia. Constituem espaços, movimentos que, em um jogo, transformam-se em oportunidades. A tática, para o autor, pode neutralizar a influência de uma estratégia ou mesmo subvertê-la, implicando, portanto, em um movimento que foge às operações do poder, apesar de, em muitas situações, utilizar as referências desse lugar próprio (ou das estratégias):

[...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém está. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 1994, p. 100 e 101).

Para Martín-Barbero (2009), os usos são inseparáveis da situação sociocultural dos sujeitos nos processos de comunicação. A exemplo do que representa o contexto para De



Certeau, as mediações são, para Martín-Barbero, o espaço em que é possível captar a concretização das experiências culturais, onde há a possibilidade de compreender, negociar, ressignificar e circular os conteúdos apropriados. A circulação social dessa cultura entre sujeitos criará um novo espaço ou cenário, onde as apropriações adquirem sentido. O autor afirma que a competência cultural é determinante nos usos, uma vez que “*atravessa* as classes [sociais] [...]. Competência que vive da *memória* [...] e também dos *imaginários* atuais que alimentam o sujeito social feminino e juvenil” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 303, grifos do autor). A partir das mediações, as dinâmicas tecnológicas também transformam as identidades e as experiências de sociabilidade. As relações sociais encontram, na internet, um espaço de apropriação da técnica e de atribuição de sentidos ao seu uso. “Embora guardem remanescentes próprios de outras etapas e modelos identitários, os gostos e as sensações que a [tecnicidade] proporciona, as gratificações midiáticas e tecnológicas obtidas pelos atores vão enquadrando e prefigurando suas identidades emergentes (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 93). Esse cenário aponta a possibilidade de ser reconhecido por meio de uma ou várias identidades.

Além disso, essas identificações constituem-se a partir de processos de escolha que estão em consonância com as preferências e gostos dos sujeitos, evidenciando mais marcadamente a sociabilidade contemporânea como uma forma de interação social. O conceito de sociabilidade foi formulado, nessa perspectiva, por Simmel (2006), ao afirmar que a sociedade é a interação com outro em uma diversidade de processos. A partir do momento em que o indivíduo está inserido na sociedade, ele engendra conteúdos, laços e interesses, em um processo que o autor denomina de *sociação*. As formas que resultam destes processos ganham vida própria, constituindo a sociabilidade. Para o autor, a sociabilidade é o espaço onde a interação sai das regras formais e entra no âmbito do jogo, da brincadeira, da conversa, da troca e do envolvimento.

[...] “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro, que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (SIMMEL, 1986, p. 168, grifo do autor)



Segundo Martín-Barbero (2008), a sociabilidade é uma trama de relações que os sujeitos tecem ao se relacionarem e por meio da qual organizam seus processos de constituição como sujeitos e de configuração de suas identidades. Para Souza e Santos (2009), a sociabilidade não se reduz ao processo de interação e deve ser observada a partir do compartilhamento de ações pelos indivíduos em suas experiências sociais. A sociabilidade define-se, assim, pelo estabelecimento de vínculos, de laços, por meio da interação e da constituição de redes, podendo ser vista, portanto, como uma troca baseada na comunicação. Esses vínculos se relacionam com os processos identitários na medida em que refletem práticas, hábitos e constituem elementos de pertencimento e de compartilhamento de uma cultura.

A partir dessa breve retomada de parte do aporte conceitual que orientou a pesquisa, buscamos compreender as especificidades das apropriações e usos da internet vivenciada por jovens mulheres no abrigo CECRIFE/Querubim. Aliada à teoria, a pesquisa empírica foi realizada no primeiro semestre de 2011, tendo como foco principal o grupo de meninas abrigadas. Com esse grupo, realizamos uma interação direta na sala de informática, entrevistas com roteiro semi-aberto e conversas informais, durante visitas sistemáticas à instituição durante quatro meses. Em média, seis jovens utilizavam a sala de informática em cada um dos encontros semanais realizados no abrigo. Em função da condição de abrigo, o grupo sofria variações com a saída e a chegada de novas jovens ao abrigo. Os encontros eram realizados em turnos diferenciados, buscando proporcionar a participação de mais jovens no contraturno escolar.

Sociabilidades juvenis e usos da internet no Abrigo CECRIFE/Querubim

As jovens meninas do abrigo que compartilham experiências identitárias relacionadas a ser jovens e mulheres de determinada classe social e em uma condição de abrigo, vislumbram na internet um espaço de elaboração de suas identificações. Da mesma forma, os usos sociais da internet, juntamente com outros elementos da vida social, operam como constitutivos dos processos de comunicação e de sociabilidade das jovens do CECRIFE/Querubim.



Sabemos que há um “aparato da cultura da mídia e do consumo na configuração de interpretações e perfis específicos da *adolescência* e da *juventude* – como índice de normas ou patologias sociais, como ícones das bem-aventuranças ou mazelas do capitalismo globalizado [...]”, como define Freire Filho (2006, p. 11). E isso faz com que as necessidades, gostos, desejos, atitudes e até mesmo os direitos e deveres e modos de sentir e pensar dos jovens pareçam influenciados e definidos por uma cultura midiática imperativa (FREIRE FILHO, 2006). No entanto, as circunstâncias individuais e as diferenciações culturais e sociais permitem pensar que, em determinados momentos, a definição do uso é dada pelas próprias adolescentes.

Freire Filho afirma, ainda, que “não se pode presumir e proclamar que todas as jovens se comportarão necessariamente de acordo com as prescrições e proscições formuladas, de maneira explícita ou tácita, pela mídia [...]” (FREIRE FILHO, 2006, p. 16). Há toda uma gama de fatores culturais, identitários e de “práticas de autoformação”, como denomina o autor, que faz com as jovens alterem, utilizem, adaptem, adotem parcialmente ou ignorem determinados modelos, valores, práticas e discursos, demonstrando, assim, que encontram as brechas possíveis que as táticas de uso permitem.

Por essa perspectiva, acreditamos que a internet contribui significativamente para reorganizar as experiências de sociabilidade das jovens abrigadas, por meio da comunicação, apesar da existência de um acesso restrito e monitorado. “Não há potência na tecnologia que não seja moldada, mediada, pelas tendências sociais profundas, tanto as que se voltam à emancipação quanto as que se destinam à dominação e à exclusão”, afirma Martín-Barbero (2008, p. 23 e 24).

As jovens abrigadas buscam, no uso da internet, uma forma de se comunicar com o mundo, de passar o tempo, de diversão, de contatos e de constituição de suas identidades. Isso pode ser verificado nas falas das meninas durante as conversas na sala de informática. Segundo elas: “Se eu pudesse, passava o dia inteiro na Internet”; “Pelo menos, podemos falar das coisas como as outras pessoas na escola”; “Sou viciada em Orkut, mas só acesso na escola e quando vou prá casa”; “Eu queria poder falar com todo mundo”.

Diante de um uso monitorado, há tentativas de acesso das redes sociais, por exemplo, por meio dos *sites* dos e-mails (Gmail e Hotmail), que congregam, em um único espaço, os serviços de mensagem instantânea, redes sociais e e-mails. As jovens demonstram, ainda,



muita curiosidade em saber sobre a vida fora do abrigo e da rotina em que estão inseridas, relatando que enviam e-mails para amigas para saber como estão os namorados, os vizinhos, os amigos e conhecidos de suas comunidades de origem.

Outra tática de acesso à internet é a utilização do celular das colegas da escola. A proibição de uso do celular no abrigo é contornada com pedidos para que as colegas de escola emprestem seus aparelhos para o acesso à internet durante a aula e o recreio, segundo contou RU⁸, uma das jovens da pesquisa:

Eu uso a internet na escola. Mas é no celular de uma colega. Na escola a gente vai ter agora, a diretora disse. Mas não pode um monte de coisas e tem horário. [...] Minha colega empresta o celular prá ver as fotos das nossas amigas no Orkut e outras coisas. Mas é pouquinho tempo.

Ao construir identidades e buscarem pertencimento, as jovens exibem marcas de seu lugar que, a partir de determinado ponto de vista, é excludente e desigual, mas que, por outro lado, é apenas o lugar “normal” de pessoas de determinada idade, sexo, afinidades musicais, pessoais, etc. Ou seja, as jovens demonstram o desejo de serem incluídas em um padrão de consumo e em hábitos de gênero e de classe aos quais pertencem, ou mesmo de uma classe média urbana, naqueles casos em que adotam padrões de consumo convergentes entre as classes⁹. Essa é uma dimensão da sociabilidade das jovens que, via consumo, buscam o pertencimento à juventude que atualmente é marcada pelo uso da tecnologia e pelas possibilidades que esse acesso carrega. Os jovens, ao mesmo tempo em que estão enviando e-mails, estão baixando músicas, acessando um *site* para ler algo ou, ainda, lendo e atualizando as mensagens nas redes sociais. Esse movimento já descaracteriza o jovem como simples receptor, mas enfatiza seu envolvimento produtivo no processo comunicacional, conforme pudemos observar também entre as jovens no abrigo.

O quadro a seguir sintetiza os principais usos da internet relatados pelas jovens do abrigo.

⁸ Foi acordado com a instituição que, em função da necessária preservação da identidade das jovens, seriam usadas apenas as duas primeiras letras do nome para identificar cada participante da pesquisa.

⁹ Codato e Leite (2009) afirmam que a classe social pode ser vista como um grupo ou um fato social, como uma forma de organização do mundo social dependente de um contexto. Nesse sentido, Simmel (1986) destaca que a sociedade é uma estrutura viva, um local onde os indivíduos entram em ação recíproca dentro de uma dinâmica e de uma interação social. Nessa sociedade, os indivíduos se agregam, formando círculos sociais, marcados pela aproximação por identificação, ao mesmo tempo em que sublinham as diferenças e individualidades dos grupos.



Tipos de uso	Gêneros e conteúdos acessados	Frequência de uso
Acessar ao <i>YouTube</i>	Acesso a clipes do Luan Santana, Bruno Mars, Gustavo e Daniel, O Pente, Daniel, Jennifer Lopez, Lucas e Felipe, Jessie J, Justin Bieber.	Verificado em todas as visitas com ida para a sala de informática.
Baixar músicas da Internet e gravar em pastas nos computadores da sala de informática	Especialmente <i>funks</i> e músicas do Luan Santana, utilizando o <i>site</i> www.4shared.com	Verificado em todas as visitas com ida para a sala de informática.
Assistir programas e notícias já veiculadas em canais de TV aberta.	Matérias do Programa do Gugu, notícias de telejornais da TV Globo e da TV Record, capítulos de novelas.	Uso realizado em cerca de 60% das visitas ¹⁰ .
Acessar e jogar jogos	Jogos com avatares e outros jogo na Internet.	Uma das meninas, AD, que apresenta deficiência mental, acessa o <i>site</i> www.jogoslegas.net e joga um jogo chamado Super Tractor. É o único uso que ela fez da Internet nas vezes em que esteve na sala de informática. Outra menina, IN, gosta de jogos com avatares como o Cosmopax (http://cosmopax.uol.com.br).
Olhar e-mails	E-mails pessoais (Gmail e Hotmail).	Em cerca de 50% ¹¹ das visitas, as jovens olharam seus e-mails. Em alguns momentos, houve a tentativa de usar as redes sociais por meio da página do e-mail (Gmail e Hotmail, por exemplo).
Pesquisar em geral	Informações sobre o uso de drogas, usando o <i>Google</i> como buscador.	Eventualmente. Ocorreu em apenas duas visitas e a busca foi feita pela mesma abrigada nas duas oportunidades. A jovem estava grávida.
Pesquisar em geral	Poesias de amor (com o uso do <i>Google</i>), letras de músicas (com o uso dos <i>sites</i> www.letras.terra.com.br e www.vagalume.com.br), horóscopo (<i>site</i> www.joaobidu.com.br), procurar	Eventualmente.

¹⁰ Esse percentual foi calculado considerando o número de visitas com idas para a sala de informática (12 interações na sala de informática), onde as jovens utilizavam a internet e o número de vezes em que foi possível vê-las acessando esse tipo de conteúdo (em sete oportunidades).

¹¹ Conforme mencionado na nota anterior, foram 12 interações na sala de informática, e em 6 dessas interações, as jovens acessaram seus e-mails. Interessante observar que isso ocorreu mais na segunda metade do período de inserção no campo, o que pode indicar que estavam mais à vontade para visualizar coisas pessoais com a presença da pesquisadora.



familiares, simpatias, significado de sonhos (utilizando o <i>Google</i>).
--

Essas possibilidades de uso e de acesso da internet podem ser consideradas, por um lado, um fator de inclusão, quando elas podem acessar e se percebem em igualdade com os demais com quem convivem ou até mesmo com o imaginário de adolescente que construíram. Por outro lado, é também um fator de exclusão, já que não podem acessar tudo o que querem, em um contexto que por si só já é excludente. Nesse sentido, é um desafio pensar como as jovens vão engendrar processos de cidadania a partir desse contexto, considerando as suas dinâmicas identitárias.

A tecnologia, no caso a internet, contribui para essa construção, ao permitir que seja ampliada a trama de relações tecidas pelas jovens, possibilitando conexões com alguns de seus desejos e anseios. Por meio da internet, elas também constituem suas identidades de adolescentes/mulheres, apesar de o uso ainda estar bastante circunscrito à cultura de massa ou a incursões pontuais na internet (como verificar o horóscopo, por exemplo). As preferências das adolescentes por esses temas relacionados à cultura massiva (como filmes americanos de terror e videoclipes do cantor sertanejo Luan Santana) também podem ser analisadas a partir da questão identitária das jovens que, como adolescentes, acabam por consumir os produtos da indústria cultural e de uma indústria do entretenimento. A viabilidade desse consumo de bens, aliado à possibilidade de acesso, configuraria uma das possibilidades de cidadania para as jovens, uma vez que a segmentação e a diversidade de consumo são percebidos por elas como fatores geradores de inclusão.

A preferência pelo entretenimento fica evidente nos usos empreendidos pelas jovens, uma vez que envolvem uma dimensão lúdica e de lazer. Sobre isso, Marin destaca que o entretenimento assumiu grande importância na sociedade contemporânea, pela capacidade que apresenta de incluir “a todos, de diferentes idades e gêneros, diferentes estratos sociais, lugares e regiões do mundo e, portanto, ser uma fonte geradora de bens econômicos e simbólicos” (MARIN, 2009, p. 228). No entanto, conforme chama a atenção a autora

[...] a democratização dos bens culturais ou a liberdade de opção não é uma coisa dada como pretendem os discursos naturalistas, empresariais e de *marketing*. Assim, [...] o entretenimento não pode prescindir dos fatores econômicos, sociais e simbólicos que engendram e determinam os usos e a falta de acesso aos bens (MARIN, 2009, p. 217).

Dessa forma, as desigualdades sociais vivenciadas pelas jovens também se reproduzem na esfera do acesso ao entretenimento, uma vez que esse mesmo acesso é limitado, condicionando as próprias opções de entretenimento de que elas dispõem por meio da tecnologia através, por exemplo, da exclusão do acesso a redes sociais como Orkut.

Ainda assim, percebemos que as experiências das jovens de um uso da internet pautado pelo entretenimento assumem uma perspectiva freireana da comunicação como criação de laços e, nesse sentido, de sociabilidade. Nas experiências das jovens, a comunicação por meio do uso da internet adquire uma dimensão de vivência e de relação, na qual elas têm a possibilidade de se constituírem como sujeitos juvenis, independente da condição de abrigo a que estão submetidas. Conectar-se à internet, para as jovens, é, de alguma forma, conectar-se para além das fronteiras impostas pela instituição, mesmo que sem a liberdade pretendida. Ao interagir com as possibilidades apresentadas pela internet, as jovens exercitam um sentimento de autonomia e liberdade, mesmo que os usos estejam atrelados a padrões de conduta, padrões estéticos impostos pela indústria cultural ou por outras instituições. A diversidade de estilos e de expressões culturais das jovens também encontra espaço no uso da internet.

A internet possibilita que as jovens se identifiquem com seus “grupos” de interesse e se reconheçam em seus pares. A virtualidade é, no mundo juvenil, parte indissociável das vivências de sociabilidade e de construção de identidades, e o lugar onde podem afirmar a sua existência para o outro, especialmente no caso das jovens abrigadas, que se inserem em um contexto de vulnerabilidade e de assistência social. Ou seja, as jovens encontram, nos seus usos da internet, uma forma de inserção social e visibilidade, ao afirmarem, por meio de suas escolhas, a que grupo pertencem, a que grupos gostariam de pertencer e a que grupos não pertencem (seja por dificuldade e negação de acesso ou não).

Ao escutarem *funks*, por exemplo, reafirmam suas preferências musicais, identificadas com o público jovem e com a classe e a cultura populares em que estão inseridas, seja no abrigo, seja em seus locais de origem. Em uma das nossas visitas, quando estavam na sala de



informática, ouviram a música “Aquecendo a novinha”¹², da Gaiola das Popozudas, e dançaram na sala a mesma coreografia. Uma das jovens comentou: “Ainda bem que a Tia L (nome da educadora) não está aqui, porque ela não deixa a gente escutar essa música e nem dançar assim”.

Essa identificação com os estilos juvenis da cultura de massa reflete as demandas sociais e culturais características da posição em que as jovens do abrigo se encontram na hierarquia social. Para Ronsini (2007), a classe estrutura as demandas porque propicia motivações diferenciadas para a construção dos estilos, estabelecendo orientações sobre o que, simbolicamente, as constrói como sujeitos juvenis.

Na visão de Pais (2006), as possibilidades trazidas pela internet representam para os jovens uma fuga da ordem (chamada por ele de espaço estriado, em referência a Deleuze e Guattari) e a constituição da liberdade (denominada de espaço liso, também em referência aos autores citados). Segundo ele, essa possibilidade de fuga da estabilidade e do controle, criada pela Internet, deve-se à horizontalidade, ou seja, a uma ausência de hierarquias que possibilita relações mais espontâneas e descontínuas, e ao multipertencimento. O que, segundo o autor, favorece uma diversidade de encontros e desencontros e ao mesmo tempo de invenções e reinvenções de si mesmo. Essas características invertem a lógica original de uma ordem pre estabelecida, simbolizado para as jovens da pesquisa pela instituição Abrigo CECRIFE/Querubim. Porém, entendemos que o espaço estriado das jovens possibilita uma fuga apenas parcial da estabilidade e do controle, uma abertura de brechas, uma vez que a instituição regula o acesso e reforça hierarquias.

Considerações finais

É possível afirmar que o desejo de forjar uma identidade comum em torno do ser jovem a partir do emprego das linguagens da juventude canalizam os interesses das jovens abrigadas em seus usos na internet. Com isso, elas constroem formas de compreensão e discussão da realidade que as cerca por meio de suas sociabilidades juvenis. São essas sociabilidades

¹² A letra da música diz: Para de falar que tu é minha namorada, que eu só te namoro na hora da cachorrada, nessa hora aqui eu falo até que te amo. Aquecendo com a novinha, ralando com a novinha, descendo então vai novinha rebola e depois quica. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mc-luan/aquecendo-novinha.html#ixzz1jBHQYDQm>>. Acesso em: 10 jan. 2012.



juvenis que funcionam como espaços nos quais as mediações socioculturais e as identidades estão em constante movimento. Além disso, as sociabilidades das jovens não podem ser interpretadas com referência exclusivamente a uma cultura popular, uma vez que os elementos de culturas populares, massivas, urbanas, de classe média, etc. se mesclam em seus padrões de consumo. O que parece ocorrer é que as abrigadas desejam, apenas, viver seu tempo de juventude com as marcas que a culturas juvenis carregam.

Essas culturas juvenis são constituídas por elementos como a música, os ídolos, as expressões utilizadas pelos jovens, as redes sociais, entre outros, e sofrem constantemente a influência (ou a tentativa de influência) da cultura massiva, que busca transformar essas referências em produtos de consumo. Acredita-se que os jovens se expressam culturalmente de diversas formas como consumidores dos bens culturais, mas também como (re)criadores das suas próprias expressões, hábitos e atitudes.

E as jovens do brigo, apesar de incluídas em uma instituição normativa que impõe controle e limites para suas interações com a internet, não deixam de se constituir identitariamente através de suas práticas culturais, vivências e táticas plurais de usos da internet. Com isso, realizam a afirmação de suas identidades no exercício de práticas de sociabilidade e de visibilidade que apontam para constituição de sua cidadania por meio do consumo cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Márcia. **Jovens e Internet: usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2011.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da Internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2010.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CODATO, Adriano; LEITE, Fernando. Classes Sociais. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SWAKO, José (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlandis & Vertecchia, 2009. p. 20-69.



COGO, Denise. BRIGNOL, Liliane. Redes Sociais e os estudos de recepção na Internet. **Matrizes**. São Paulo. Ano 4, n. 2, p. 75-92, jan./jun. 2011.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE FILHO, João. Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discursos Midiáticos, Juventude e Poder. **E-Compós**. Vol. 6, p. 2 – 21, 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/82/82>>. Acesso em: abr. 2011.

MARIN, Elizara Carolina. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Movimento**. Porto Alegre, vol. 15, n. 2, p. 211-231, abr./jun., 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1153/115315433012.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

MARTIN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João. (orgs.) **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32

_____. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis. (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidade juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SWAKO, José (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. P. 116-149.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de Aquino. Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito. In: **Ipea políticas sociais** - acompanhamento e análise. Agosto de 2005. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_11/ENSAIO3_Enid.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2011.

SIMMEL, Georg. La ampliación de los grupos y La formación de la individualidad. In: **Sociologia**. Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza, 1986 [1896].

_____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.